



TRÍDUO

SAN ANTÓNIO MARIA CLARET 2023

Por ocasião do Ano Jubilar, optou-se por oferecer umas meditações mais extensas, que ajudem a ativar a nossa memória agradecida a Deus pelo dom do nosso santo Fundador.

Cada comunidade verificará o melhor modo de as usar. Poderão ser abreviadas, selecionadas, ou redistribuídas, consoante o mais adequado.

- Para que vivamos sempre unidos a Deus no seguimento de Jesus Cristo que nos liberta para servir abnegadamente, colaborando na construção de um mundo novo. OREMOS AO SENHOR.
- Num momento de silêncio, coloquemos as nossas necessidades pessoais e familiares nas mãos de Deus (silêncio...) OREMOS AO SENHOR.

Podem ser acrescentadas outras intenções...

Peçamos ao Pai que nos dê a força necessária para não cairmos na tentação: **Pai Nosso ...**

Oração Final

Concedei-nos, Senhor, a fé que inflamou os Profetas, os Apóstolos e os Mártires, de modo que, à imitação de Santo António Maria Claret, sejamos capazes de abraçar, com ânimo alegre, a pobreza, a abnegação, e o sacrifício, a fim de dilatarmos o Reino de Cristo, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

Cântico final

Tríduo - Santo António Maria Claret

Prefeitura Geral de Espiritualidade e Vida Comunitária

Roma. © 2023

Concluimos o nosso tríduo com uma imensa e grata alegria. Confrontados com a claridade de Claret, e sob a ação materna de Maria, nossa Mãe, sentimos que estamos a crescer. Podemos fazer nossa, a sua própria experiência. Podemos convencer-nos de que é possível que Deus seja conhecido, amado, servido e louvado por muitos homens e mulheres de hoje. Algo de novo e bom pode brotar do íntimo de cada um de nós, se nos esforçarmos por ser o que realmente somos: um brilho divino sobre résteas de sombras e de luz. Chegou a hora de declinar novamente a santidade, entrelaçando a vida evangélica e a vida ordinária. É aí onde se atea o nosso brilho, e se serve melhor. O Senhor disse: “Vós sois a luz do mundo”. E Claret convence-nos de que isso ainda é possível.

Preces

Agradecendo a Deus as maravilhas que opera em nós, pedimos-lhe que saibamos pô-las ao serviço do seu Reino e a corresponder-lhe como merece. Apresentemos-Lhe as nossas orações e súplicas.

- Por todos nós aqui presentes, para que saibamos contemplar em Jesus Cristo a grandeza e a dignidade do ser humano, e acolhamos o Senhor como o verdadeiro e único Caminho para alcançar a verdadeira Vida. OREMOS AO SENHOR.
- Para que, a exemplo de Maria, nos abramos a Deus, a fim de que Ele opere maravilhas na nossa pequenez. OREMOS AO SENHOR.
- Para que nos esforcemos por viver unidos a Jesus Cristo, fiéis ao seu exemplo e à sua Palavra; de tal modo, que na obediência a Deus, possamos encontrar a nossa alegria e realização. OREMOS AO SENHOR.

PRIMEIRO DIA

O QUE “NÃO ESTAVA CLARO” NO P. CLARET

Monição

Iniciamos o Tríduo, em pleno Ano Jubilar do 175º aniversário da fundação da Congregação. O Tríduo focar-se-á na personalidade do nosso Fundador. Aproximar-se de qualquer santo canonizado não equivale a assistir a uma história impecável e perfeita, isenta de esforços, lutas ou inimigos. A santidade do Padre Claret, como a de qualquer santo, não tinha aquela arquitetura perfeita e inatingível. Apresentava as suas sombras e obscuridades. Ele mesmo teria consciência disso quando resolveu ter para consigo “coração de juiz”. Nem devemos escondê-las ou maquilhá-las. São precisamente essas que lhe dão credibilidade e elevam-no à categoria de modelo e exemplo para todo aquele que escuta o apelo do Senhor, no meio do desalento causado pela própria debilidade. Deus, que olhou para a pequenez de Maria, também faz resplandecer a graça nos seus filhos e filhas que, sendo humanos, sabem que só Ele pode tornar luminosas as suas sombras e obscuridades. Este Ano Jubilar é um apelo à esperança.

Hino ou cântico inicial

Saudação do celebrante

O Senhor, que nos visita com o esplendor da sua luz e dissipa as trevas dos nossos pecados, esteja com todos vós.

Oração

Abre, Senhor, a nossa mente e o nosso coração a fim de reconhecermos o imenso amor que tens por nós, de modo que toda a nossa vida seja para louvor da vossa glória, a exemplo do vosso servo Santo António Maria Claret. Por nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina convosco na unidade do Espírito Santo, e é Deus pelos séculos dos séculos. Amém.

Leitura da Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios (2, 1-7)

Irmãos, quando eu fui ter convosco, não me apresentei com sublimidade de linguagem ou de sabedoria, a anunciar-vos o mistério de Deus. Pensei que entre vós não devia saber nada senão Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. Apresentei-me diante de vós cheio de fraqueza e de temor e a tremer de veras. A minha palavra e a minha pregação não se basearam na linguagem convincente da sabedoria humana, mas na poderosa manifestação do Espírito Santo, para que a vossa fé não se fundasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus. Nós falamos de sabedoria entre os mais adiantados na perfeição, mas de uma sabedoria que não é deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, os quais vão ser destruídos. Ao contrário, nós falamos da sabedoria de Deus, misteriosa, oculta, que já antes dos séculos Deus tinha destinado para a nossa glória. **Palavra de Deus.**

sua própria colheita, que a santidade consistiria em três coisas: *heroicamente orar, heroicamente trabalhar, e heroicamente sofrer*. Não esmorecia no sofrimento; pois esse era uma espécie de lixívia que purificava a sua alma missionária. Desgastou a própria vida no desempenho do seu ministério, sem pedir nada em troca, num exercício de generosidade que sempre nos surpreende.

- Foi, finalmente, um homem santo numa comunidade de santos. Claret sentiu a urgência de socializar a sua santidade. Entusiasmava-lhe a ideia de “*formar uma Congregação de sacerdotes que fossem e se chamassem Filhos do Imaculado Coração de Maria*” (Aut. 488). Encontrou aqueles a quem Deus dera o mesmo espírito de que se sentia impelido. E a experiência da comunhão leva-o a proclamar o seu magnificat pessoal: «*Ó meu Deus, bendito sejais por Vos terdes dignado escolher os Vossos humildes servos como filhos do Imaculado Coração da Vossa Santíssima Mãe!*» (Aut. 492). O maior esplendor da santidade irradia da comunhão. Embora separado da sua comunidade de missionários, devido aos encargos episcopais, aspirou sempre a viver com os seus irmãos de vocação, ou numa comunidade semelhante à de Vic: «*... Entregar-me-ei às Missões com os meus companheiros da Mercês de Vich, mas não viverei lá, mas nesta de Madrid, onde estabeleceremos uma casa formada por alguns de lá e então sairemos...*» [EC I, p. 1361; junho de 1857]. Por sua vez, no ano 1864, num relatório dirigido ao núncio sobre o desenvolvimento da Congregação, Claret afirma, na terceira pessoa, que a partir de Madrid “*protege eficazmente a Congregação, com os desejos mais vivos de poder retirar-se nela e morrer entre os seus irmãos*” (EC III, p. 447).

- Foi um **homem enamorado**. Uma noite, ainda criança, Claret descobriu que Deus não era invisível, e que o seu rosto se multiplicava no rosto dos seus filhos e filhas infelizes e sofredores. E, em silêncio, decidiu sacrificar a sua vida na salvação de outras vidas. Claret sentirá sempre no seu íntimo os latejos de um coração ardente. Nos seus propósitos de 1860, diz a si mesmo: “*Viverei apenas por amor a Deus. Agirei sempre por amor. Morrerei, cada dia, por amor. Defronte de todos os meus trabalhos, não pretendo senão o puro amor de Deus.*”⁹ Imerso nos desafios da vida, era capaz de amar, com a mesma intensidade, amigos e inimigos, luzes e sombras. O sol jamais se pôs no seu coração, infatigável em riscar perfeitos traços de compasso.
- Foi um **homem radical**. Jamais se rendeu à mediocridade. Amou a vida, mas fascinou-o sempre o impossível. Foi por isso que acabaria expropriado da sua vida terrena. Embora fosse de carne e osso, vivia tão intensamente que, no fundo, era sempre Cristo que vivia nele. O seu amor era tão urgente que se dispunha a apostar tudo por Ele. Essa decisão fê-lo um homem contra a corrente, capaz de ouvir e seguir a voz interior, no meio do tumulto de vozes confusas que atordoam mentes e almas. E porque era livre no essencial, também era livre no acessório: nunca teve morada permanente.
- Foi um **homem sem medo**. A oração, a ação e a paixão foram os componentes da sua vocação apostólica, expressa na sua definição de missionário. Entendia que amar não era tanto “*sentir*”, mas “*fazer e sofrer*” (Aut. 424) por Deus e pelos irmãos. No apêndice do livrinho “*O amante de Jesus Cristo*”, que traduzira para o espanhol, escreveu, da

Salmo responsorial (Sal 33, 2-9)

R. O Senhor escuta o pobre que O invoca.

A toda a hora bendirei o Senhor;
O seu louvor estará sempre na minha boca.
A minha alma gloria-se no Senhor:
ouçam e alegrem-se os humildes.

R. O Senhor escuta o pobre que O invoca.

Enaltecei comigo ao Senhor
e exaltemos juntos o seu nome.
Procurei o Senhor e Ele atendeu-me,
libertou-me de toda a ansiedade.

R. O Senhor escuta o pobre que O invoca.

Voltai-vos para Ele e ficareis radiantes,
o vosso rosto não se cobrirá de vergonha.
Este pobre clamou e o Senhor o ouviu,
salvou-o de todas as angústias.

R. O Senhor escuta o pobre que O invoca.

O Anjo do Senhor protege os que O temem
E defende-os dos perigos.
Saboreai e vede como o Senhor é bom:
Feliz o homem que n’Ele se refugia

R. O Senhor escuta o pobre que O invoca.

Meditação claretiana

Nestes dias aproximamo-nos da figura de Claret procurando contemplar a sua pessoa com realismo e, ao mesmo tempo, com o carinho que merece. Ele foi um “servo inútil que fazia

o que tinha de fazer”. Ser santo não equivale a ser um super-homem. A santidade não é sinónimo de perfeição adquirida, mas caminho para o ideal que é Cristo.

Não nos incomoda reconhecer algumas das sombras da sua vida. Elas não o ofuscam. Pelo contrário, dão-lhe uma estatura credível, porque manifestam-no mais humano. Claret foi um homem como nós. Ele tinha um coração como o nosso; viveu e foi educado numa família semelhante à nossa. Foi menino, adolescente, jovem, adulto e idoso, com as suas crises e provações. Lá tinha o seu próprio temperamento, com as suas limitações e carencias; mas, nem por isso, desanimava. Os seus próprios «defeitos» e limitações confirmam que a santidade é um caminho viável. Vemos isso confirmado em alguns pormenores da sua vida.

Não gozou de bom aspeto físico nem de boa saúde. Era de baixa estatura -1,55 metros-, de formas arredondadas (que se foram acentuando com o tempo), e de feições levemente melancólicas. Uma aparência pouco escultural, mas nada repulsiva. Cativava os outros, com o olhar sereno e o trato afável. Sendo seminarista, sofreu de hemoptise. Teve de suportar dores num joelho que o levava a abandonar o noviciado. Em dezembro de 1849, foi submetido a uma cirurgia, que lhe trouxe algumas complicações. Sabe-se que nos seus anos em Madrid, tinha uma hérnia, e, por isso, usava um bragueiro. A sua vista foi-se também ressentindo e, por esse motivo, pelo menos nos últimos anos, passou a usar óculos. O livro de contas da sua casa de Madrid menciona o gasto de 24 reais “*com uns óculos para S.E.*” (Beato II, p.715). Chegou mesmo a esquecer-se de uns, numa igreja em Daimiel (província de Ciudad Real), no seu regresso da viagem a Lisboa, que fizera na companhia

vista da contração de matrimónios (cf. 634 f). Por sua vez, em Madrid sentia-se igualmente livre para impor condições à rainha, ou exigir uma vida ordeira, sempre com a “ameaça” de que, caso contrário, “*se consideraria dispensado*”, chegando mesmo a interromper, por três vezes, o seu ministério de confessor real.

- Foi um **homem motivado**. Deixou tudo, mas encontrou tudo. Deus foi para Claret “suficientíssimo” (Aut 445). Assim, experimentou na própria carne o que Jesus promete a quem O segue: centenas de irmãos e irmãs; e um suplemento inesgotável de criatividade e vitalidade, deveras surpreendente. Qual era o segredo da sua inexaurível vitalidade? Ele próprio desvelou-o a alguns jovens estudantes à porta da igreja de Santa Maria del Mar, em Barcelona: “*Enamorai-vos de Jesus Cristo e do próximo e fareis as mesmas coisas que eu, e até mais*”. Foi um namoro esmeradamente cultivado. Afirmava, admirado, o P. Carmelo Sala ao P. Xifré, em setembro de 1862: “*Todas essas pregações não lhe tiram nem a menor parte do tempo por ele destinado à oração, à leitura espiritual e a outros exercícios piedosos que diariamente pratica*” (EC II, p. 545).
- Foi um **homem maravilhado**. Desde o início e ao longo de toda a vida de Claret, houve a maravilha, o estremecido assombro perante a passagem de Deus por ela, o espanto religioso ao contemplar que a realidade era habitada pelo Altíssimo, que era achado em tudo, particularmente nas dificuldades e contratempos, que se lhe iam deparando nas suas andanças e correrias. E por isso, com extremo júbilo, não se cansava de repetir: “*Ó Deus, como tendes sido bom para comigo!*” (Aut.35).

Há quem confunda santidade com uma espécie de Prémio Nobel ou um doutoramento obtido numa prestigiosa universidade, em que se procede à seleção dos estudantes superdotados, submetendo-os depois a uma dura aprendizagem, premiando apenas os melhores. Como temos sido prejudicados com este conceito aristocrático de santidade! Porque com isso “canonizamos” a mediocridade como a situação normal de todos.

Nesse sentido, o que é que resplandece da vida e da ação missionária do P. Claret? O que torna a sua figura tão sedutora e atraente? Digamos sem rodeios: foi alcançado por Deus e, movido pela sua força, tornou-se um homem de fogo. Alguns instantâneos da sua vida demonstram os efeitos desse fogo na sua alma:

- Foi um **homem livre** para escutar e seguir aquela Palavra, provinda do exterior, e que fê-lo sair de si mesmo; livre para se deixar seduzir pelo amor de Deus; livre para converter em gestos humanos a sua primeira e contínua experiência de compaixão, para viver sempre entregue a um ideal, enfrentar contratempos e dificuldades; para dar a outra face, desfrutar do bem do outro; para dar tudo o que tinha, morrer para si mesmo e dar a vida aos outros... Jamais deixou que o seu próprio ego o amordaçasse. Era livre porque se despojou do quanto tinha. A ausência de pretensões de prestígio, riqueza ou poder, permitiu-lhe agir com grande liberdade em Cuba, pedindo o indulto em favor dos independentistas condenados à morte (cf. EC I, p. 579), recuperando o melhor da legislação antiesclavagista ou da⁸ igualdade racial em

⁸ Pouco depois de chegar à ilha, publicou uma *Carta que continha as principais leis das Índias*, a qual, segundo testemunhas, contribuiria para

dos reis, em dezembro de 1866. Conseguiu-se recuperar essa relíquia. Tínhamos também uns outros óculos seus no museu de Vic, antes da Guerra Civil Espanhola. Em Madrid, padecia de hidropsia, de fortes dores de cabeça e sofria muito com os dentes.

Claret passou por várias incertezas vocacionais. Nem sempre foi claro quanto à sua vocação. Não gostava de provas tranquilizadoras. Lidou na sua vida com momentos de escuridão e desorientação. Quis ser tecelão, depois cartuxo. Uma vez concluídos os seus estudos – junho de 1839 – pediu para ser dispensado do ministério paroquial para ser sacerdote missionário. Quis ser missionário *ad gentes*, depois jesuíta... Também hesitou bastante em decidir-se pela mitra de Cuba. Demorou dois meses (4 de agosto a 4 de outubro de 1849) a aceitá-la. E finalmente aceitou, confiando no que o seu diretor espiritual resolvera (cf. EC I, p. 321). Dois anos depois de estar em Cuba, tomou a decisão de renunciar: “*Estou cansado de ser arcebispo e já cumpri a minha missão nesta ilha*” (EC III, p. 130). Mas, pessoas de confiança devem tê-lo feito desistir de tal resolução: “*conformar-se inteiramente à vontade de Deus, sem pensar ou pedir renúncia ...*”. (Propósito 1, de 1854). Após cinco meses de reflexão e de consultas (julho-dezembro de 1865), prosseguiu o seu discernimento sobre se deveria ou não continuar na corte, após o reconhecimento do Reino da Itália.

O que é maravilhoso é que essas dúvidas não lhe impediam de se dedicar serenamente aos seus apostolados normais, enquanto aguardava por novas luzes. Parece que só no final dos seus dias é que alcançaria a plena certeza vocacional: “*Parece-me que já cumpri a minha missão*” (EC II, p. 1423). Mas isso não o livrou de experimentar uma verdadeira angústia no final de

sua vida, no que diz respeito à Congregação: “*Prejudicamo-nos mutuamente, sem querer... Sinto-me um ente misterioso... um prófugo...*” (EC II, págs. 1485).

Viver o evangelho de forma coerente supôs para Claret um longo combate. De acordo com o seu próprio testemunho, custava-lhe bastante a mansidão e a humildade. Por isso, propunha-as como objetivo, e examinava-se diariamente sobre elas (cf. Aut. 351 e 383). Procurava, sobretudo, a prática da mansidão, perante os seus arranques (raros) de indignação. O caso mais conhecido foi o da sua reação a uma tentativa de falsificação da própria personalidade: um “farsante” fez-se passar por Francisco Claret, e, portanto, irmão do já famoso missionário, dedicando-se assim a burlar os outros. A reação de Claret foi fulminante: “*Esse é um farsante, e é justo que as autoridades o detenham*” (EC I, p.212). Preocupava-se também, em particular, com a humildade; o que não é de estranhar, dado o sucesso avassalador da sua pregação, que fazia-o temível até aos olhos dos políticos: “*atendendo ao prestígio universal que eu tinha*” (Aut 458). O temperamento ativo e apaixonado e a predisposição para o orgulho estão naturalmente entrelaçados. Preocupava-se com a própria imagem, e a opinião que dele poderiam ter. À hora de ser nomeado pároco de Sallent tentou evitar o cargo, expondo, entre outros motivos, a sua baixa estatura: “*V.S. vê que sou pequeno. Como é que assim me hão de respeitar os meus paroquianos?*” (PIV¹ ses. 51, PAV² ses. 76). A sua timidez era, pois, notória. Na sua juventude, sentiu-se bastante humilhado, por ter sido enganado por um colega de negócios (Aut 73-75). Enquanto confessor real, questionava-se várias vezes sobre o que diriam as pessoas se o vissem ao

¹ A sigla PIV designa o “Processo informativo de Vic”.

² A sigla PAV designa o “Processo Apostólico de Vic”.

Salmo responsorial (Sl 26, 1. 4. 13-14)

R. O Senhor é minha luz e salvação.

O Senhor é minha luz e salvação,
a quem hei de temer?

O Senhor é protetor da minha vida,
De quem hei ter medo?

R. O Senhor é minha luz e salvação.

Uma coisa peço ao Senhor, por ela anseio:
habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida,
para gozar da suavidade do Senhor
e visitar o seu santuário.

R. O Senhor é minha luz e salvação.

Espero vir a contemplar a bondade do Senhor
na terra dos vivos.

Confia no Senhor, sê forte.

Tem coragem e confia no Senhor.

R. O Senhor é minha luz e salvação.

Meditação claretiana

A vida de Claret tem vindo a mostrar-nos, nos dias anteriores, que o caminho da santidade é estranhamente constituído por uma mistura do bem e do mal. O que seria de Claret, e de qualquer santo, se tentássemos remover todos os vestígios de fraqueza e miséria? Como todo o ser humano, Claret conhecia a tentação do mal e a atração do bem. E foi sobre esse pano de fundo que projetou o luminoso brilho da sua santidade.

Hino ou cântico inicial

Saudação do celebrante

O Senhor, que é fiel às suas palavras e poderoso em todas as suas ações, esteja convosco.

Oração

Comunica-nos, Bom Pai,
o Espírito que concedeste a Santo António Maria Claret,
para que com o dom da Tua graça
enriqueçamos a vida da Igreja
e tornemos mais fecunda a sua missão no mundo.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
que contigo vive e reina na unidade do Espírito Santo,
e que é Deus pelos séculos dos séculos. Amém.

Leitura da Epístola de São Paulo aos Romanos (8, 14-19)

Irmãos, todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. Vós não recebestes um espírito de escravidão, para recair no temor, mas o Espírito de adopção filial, pelo qual exclamamos: «Abbá, Pai». O próprio Espírito Santo dá testemunho, em união com o nosso espírito, de que somos filhos de Deus. Se somos filhos, também somos herdeiros: herdeiros de Deus, herdeiros com Cristo. Se sofrermos com Ele, também com Ele seremos glorificados.

Eu penso que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que se há de manifestar em nós. Na verdade, as criaturas esperam ansiosamente a revelação dos filhos de Deus. **Palavra de Deus.**

serviço de uma rainha de vida obscura. A precaução contra possíveis críticas quanto às suas economias, levava-o a ter as contas em nome de outro: D. Pedro Naudó, administrador da Biblioteca Religiosa. Quando foi convocado pelo juiz de paz do Escorial, passou “*dias de grande aflição e vergonha*”, e pediu ao administrador do mosteiro que aparecesse em seu lugar e o “*libertasse o mais rapidamente possível daquela tribulação*” (EC II, p. 1231f).

Haveria mais a dizer. Depois deste percurso, não hesitemos em sermos um pouco mais “devotos aos defeitos dos santos”. Não caiamos na armadilha de acorrentar indevidamente a ideia de santidade à de perfeição adquirida. Para se ser santo, não se exige rigorosamente que se tenha de ser perfeito. Só Deus o é. Para se viver com ardor, não se pede saúde de aço, qualidades excelsas, inteligência sublime, ou ausência de traumas. Ser-nos-á pedido que procuremos amar com o tamanho do coração pessoal que nos foi dado à nascença, sabendo que o mais importante é que amemos com o nosso próprio coração de carne. E para isso, teremos sempre de seguir um caminho de saudável integração do mal, que passa por reconhecê-lo e aceitá-lo, perdoá-lo em nós mesmos e nos outros, corrigi-lo e convertê-lo. E esse caminho só pode ser percorrido com a força que nos é concedida pela graça de Deus.

É isso o que pretendemos sublinhar na primeira reflexão deste tríduo. Hoje pedimos, por intercessão de Claret, que nos seja concedida a graça da autoaceitação: aprender a reconciliar-nos com as nossas próprias sombras, e a aproveitar as circunstâncias da vida para transformar essas trevas em ocasiões de amor.

Preces

Oremos, irmãos, a Deus Pai, que nos convida a pensar na nossa fragilidade e nos chama a ser testemunhas do seu Reino. Que Ele atenda com amor as nossas súplicas e pedidos.

- Pela Igreja, para que sinta cada vez mais o apelo do Senhor, que a impele a evangelizar apesar da sua condição de pecadora e limitada. OREMOS AO SENHOR.
- Pelos governantes de todo o mundo, para que se esforcem por trabalhar pela paz, justiça, liberdade e bem comum. OREMOS AO SENHOR.
- Por todos os que sofrem, pelos que se sentem, física ou moralmente, pobres e ainda não encontraram motivo para continuar a lutar, para que descubram que Deus conta com eles para estender o seu Reino e lhes dá força para levá-lo a cabo. OREMOS AO SENHOR.
- Pelos jovens desejosos de servir a Deus e de se entregar ao bem dos irmãos, para que se abram generosamente a um possível apelo do Senhor a uma vida missionária. OREMOS AO SENHOR.
- Por toda a Família Claretiana, para que, a exemplo de Santo António Maria Claret, vivam em santidade e tenham o serviço missionário como razão de ser da sua vida na Igreja e no mundo. OREMOS AO SENHOR.

Podem ser acrescentadas outras intenções...

Rezemos juntos a oração que Cristo nos ensinou, e peçamos ao Pai que nos livre do mal: **Pai nosso...**

TERCEIRO DIA A “CLARIDADE” DO P. CLARET

Monição

No terceiro dia do nosso Tríduo, mais do que em Claret, fixaremos o olhar n’Aquele que fez resplandecer, com uma viva luz de santidade, o coração missionário do nosso Fundador. O Jubileu é um tempo de graça, que nos convida a olhar mais de perto para o modo como estamos a viver o nosso carisma, «*O que somos hoje é fruto da maravilhosa graça de Deus*»⁷, que teve início em Claret. Damos graças a Deus por ter feito grandes coisas neste filho de Sallent, missionário de dois mundos, fundador de famílias religiosas, nosso pai e intercessor. Admiramos na sua figura aquela agitação que vibra na alma das criaturas eleitas, barro rachado que abriga dentro de si a eterna batalha na qual, com a ajuda da graça, o bem acaba por esmagar o mal. Que a sua vida continue a ser uma lâmpada permanente para tantos de nós, que necessitamos de uma luz que guie os nossos passos missionários, nos concentre em Deus e nos dirija para os nossos irmãos.

⁷ Da “Carta de Anúncio do Superior Geral no 175º aniversário da fundação da Congregação”.

Oração Final

Senhor e Pai Celeste,
que Te conheçamos, e que Te demos a conhecer;
que Te amemos, e que Te façamos amar;
que Te sirvamos, e que Te façamos servir;
que Te louvemos, e que Te façamos louvar por todas as criaturas.
Por nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

Cântico final

- Pelos jovens, para que escutando a voz dos que sofrem e dos que estão perdidos ou desorientados, saibam ouvir a voz de Deus, que os chama a viver com total dedicação no seguimento de Cristo virgem, pobre e obediente. OREMOS AO SENHOR.

Podem ser acrescentadas outras intenções...

Que o Espírito que habita em nós e nos une no seu amor nos ajude a dizer: **Pai nosso...**

Oração Final

Tu, Senhor, nos convidas
a participar da tua vida e da tua missão,
e nos dás em alimento o teu corpo:
faz que, à imitação do Santo António Maria Claret,
não queiramos senão a Tua vontade,
e que, amando-Te como Tu nos amas,
e como desejas que Te amemos,
só desejemos viver por Ti e para Ti,
e que Tu sejas para nós sufficientíssimo.
Tu que vives e reinas pelos séculos dos séculos. Amém.

Cântico final

Ao concluir, coloquemo-nos a questão verdadeiramente decisiva: sobre que alicerces construo e sustento o edifício da minha vocação? Esta reflexão aposta claramente numa certeza: se os missionários (ou, pelo menos, muitos deles), construísem as suas vidas sobre os mesmos pilares de Claret – o amor, a compaixão, o trabalho, a tenacidade, os ideais, a simplicidade, etc. – este mundo acabaria por ser diferente. E habitável. Aos poucos, levar-se-ia de vencida esta mundanidade que nos asfixia. Entraríamos no mercado comum da fraternidade apostólica. Cristo seria sempre o ideal e o modelo a seguir.

Preces

Apresentemos agora a nossa oração ao Senhor, confiantes de que Ele escuta as súplicas dos que se reúnem em Seu nome.

- Pela Igreja, para que, fortalecida na fé, esperança e caridade, viva um maior compromisso e uma maior entrega aos homens e mulheres do nosso mundo. OREMOS AO SENHOR.
- Pelo mundo em que vivemos, para que os seus dirigentes e governantes promovam o direito à vida, à dignidade e ao desenvolvimento de todas as pessoas. OREMOS AO SENHOR.
- Pelos excluídos e marginalizados deste mundo, pelos pobres, pelos migrantes e pelos oprimidos, para que encontrem pessoas que lhes anunciem a Boa Nova e lhes abram as portas da esperança. OREMOS AO SENHOR.
- Por toda a Família Claretiana e pelo trabalho apostólico que realiza, para que saiba mostrar a todos o amor de Deus, fonte de vida e salvação. OREMOS AO SENHOR.

SEGUNDO DIA

O QUE “ERA CLARO” NO P. CLARET

Monição

Neste segundo dia do tríduo admiremos a personalidade límpida de Claret. Foi também, sem dúvida, um homem realizado. Não porque não tivesse falhas ou tropeços, ou porque fosse poupado às agruras da vida. Não. Na sua vocação, nem tudo foram rosas. Também passou por “noites escuras”. Mas isso não o impediu de desfrutar de muitos dias claríssimos; e de dar-se conta de que na escuridão da noite as estrelas brilhavam mais. Para Claret, Deus não era um hieróglifo complicado. Foi o seu bom Pai. E um bom amigo é sempre fácil de entender. A partir dessa amizade, percebeu que as sombras não seriam senão a outra face da zona de luz. Foi precisamente isso que o levou a dar o melhor de si mesmo, e a oferecê-lo ao serviço de Deus. Isso também nos interpela a nós que recebemos «*o mesmo Espírito para fazer parte do Sonho de Deus para a Congregação, implantado no coração de Claret*»³.

³ Início da “Carta de Anúncio do Superior Geral por ocasião do 175º aniversário da fundação da Congregação”.

Hino ou cântico inicial

Saudação do celebrante

O Senhor, que é a luz que ilumina os que vivem nas trevas e nas sombras da morte, esteja com todos vós.

Oração

Deus todo-poderoso e eterno,
Tu que nos quiseste dar
uma prova do teu amor
na glorificação do teu servo
Santo António Maria Claret,
concede-nos a todos nós que o recordamos neste tríduo,
movidos pela sua intercessão e exemplo,
imitar fielmente o teu Filho Jesus Cristo.
Ele, que vive e reina contigo,
na unidade do Espírito Santo,
por todos os séculos dos séculos. Amém.

Leitura da Segunda Carta de Paulo aos Coríntios (4, 7- 14)

Irmãos, nós trazemos em vasos de barro o tesouro do nosso ministério, para que se reconheça que um poder tão sublime vem de Deus e não de nós. Em tudo somos oprimidos, mas não esmagados; andamos perplexos, mas não desesperados; perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não aniquilados. Levamos sempre e em toda a parte em nosso corpo, os sofrimentos da morte de Jesus, a fim de que se manifeste também no nosso corpo a vida de Jesus. Porque estando ainda vivos, somos constantemente entregues à morte por causa de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. E assim, a morte atua em nós e a vida em vós. Diz

pai” (22 de julho de 1844). Exprime repetidamente o seu afeto pelo P. Juan N. Lobo; “o amor e o carinho que por si nutro, permitem-me estas liberdades para consigo, e estou certo de que dissimulará a minha ousadia” (EC I, p. 1377).

3. Vejamos a terceira virtude claretiana: o **autocontrole**. Embora muitos dos traços de sua vida confirmem a sua energia interior, jamais foi repentino e espontâneo nas suas reações. D. Carmelo Sala, capelão e confessor de Claret durante vários anos, testemunharia o seguinte: «*Observei nele uma paz de alma inalterável e uma jovialidade constante e modesta, mesmo perante os maiores desgostos. Não se alterava, nem pela calúnia nem pela perseguição, e posso assegurar-vos que jamais ouvi-o proferir queixas contra os inimigos. Costumava dizer com muita alegria: “Se soubessem o bem que me fazem, parariam de me caluniar ou perseguir”. Dominava de tal modo o seu temperamento sanguíneo bilioso e o seu caráter naturalmente vivo, que sempre o encontrava repleto de mansidão*»⁶. Assim, é compreensível que tenha proposto aos seus missionários a “modéstia” – o nome dado na época ao autocontrole. Balmes afirmou certamente sobre Claret: “*Pouco terror, suavidade em tudo... Não quer exasperar.*”

Os que com ele mais de perto conviveram, testemunhariam, além disso, a precisão na pontualidade e no cumprimento da palavra dada. Era esmerado e ordenado, tanto no que diz respeito a si mesmo, como aos outros. O padre Serrat assegurava que quando o santo entrava no quarto deste ou daquele missionário, se visse um livro fora do lugar, advirta-o imediatamente.

⁶ Testim. privado, firmado por el autor el 29 de abril de 1880; arx. Vic.

2. Claret fala também expressamente da sua **bondade natural**. Ele próprio confessa isso: “*Recebi de Deus uma natureza ou índole bondosa, graças à sua bondade*” (Aut. 18). A sua dedicação apostólica foi fruto daquele forte sentimento afetivo para com os outros, aos quais pretende libertar de todo o mal e, sobretudo, da perdição eterna, procurando ter um «coração de mãe» para com todos.

Exibiria essa bondade natural em inúmeras ocasiões. Nos *detalhes e atenções* que demonstrava com os companheiros, não perdia a ocasião. Em junho de 1850, os membros da Congregação já eram doze, e ele deu a cada um uma imagem de um apóstolo como padroeiro ou modelo; sem se ter esquecido de D. José Caixal, que, sendo cônego de Tarragona, não convivia com o grupo. Anos mais tarde, ofereceria novamente a cada membro da Congregação um “*Breviarium marianum*”, e pediu expressamente ao editor que os enviasse sem encadernar, a fim de que cada um “*o fizesse a seu gosto*”. Recordava a festa onomástica dos entes queridos, e felicitava-os (a M. Antónia Paris, por ocasião da festividade de Santo António de Lisboa, ao P. Xifré, pela festa de São José). Recebendo uma vez uma visita na Granja de dois padres e de dois aspirantes da comunidade de Segóvia, disse-lhes: “*Aos que vêm à minha casa, em penitência, costume dar-lhes chocolate*”, e fê-lo servir. A mesma atitude em Cuba, dispendo-se a acolher incondicionalmente todos os transeuntes, quer estivesse ou não no palácio episcopal.

Nas suas cartas, era pródigo em expressões afetuosas, como a que escreveu ao então bispo de Palência, D. Cipriano Valer. “*Não pode imaginar o grande amor que lhe tenho, quando o vejo adornado com perseguições. Quem me dera poder vê-lo e lançar-me ao seu pescoço, como um filho a um amadíssimo*

a Escritura: «*Acreditei, por isso falei*». Com este mesmo espírito de fé, também nós acreditamos e por isso falamos, sabendo que Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos há de ressuscitar com Jesus e nos levará convosco para junto d’Ele.
Palavra de Deus.

Salmo responsorial (Sl 111,1-2. 3-4. 5-7º. 7bc-8. 9)

V. Ditoso o que ama ardentemente os preceitos do Senhor.

Feliz o homem que teme ao Senhor
e ama ardentemente os seus preceitos.
A sua descendência será poderosa sobre a terra,
será abençoada a geração dos justos.

V. Ditoso o que ama ardentemente os preceitos do Senhor.

Haverá em sua casa abundância e riqueza,
A sua generosidade permanece para sempre
Brilha aos homens retos, como luz nas trevas,
O homem misericordioso, compassivo e justo.

V. Ditoso o que ama ardentemente os preceitos do Senhor.

Ditoso o homem que se compadece e empresta
E dispõe das suas coisas com justiça.
Este jamais será abalado:
O justo deixará memória eterna.

V. Ditoso o que ama ardentemente os preceitos do Senhor.

Ele não receia más notícias,
seu coração está firme, confiado no Senhor.
O seu coração é inabalável, nada teme,
e verá os adversários confundidos.

V. Ditoso o que ama ardentemente os preceitos do Senhor.

Reparte com largueza pelos pobres,
A sua generosidade permanece para sempre
e pode levantar a cabeça com altivez.

V. Ditoso o que ama ardentemente os preceitos do Senhor.

Meditação claretiana

Neste segundo dia do tríduo, detenhamo-nos a contemplar as virtudes humanas que elevaram Claret aos mais altos cumes. Qual foi a base humana que lhe permitiu caminhar para a excelência? Responder a essa questão é crucial. Porque cada homem e cada mulher deve descobrir duas coisas essenciais para o percurso da sua vida: sobre que alicerces, e ao serviço de que objetivos se propõe assentá-la. Como todos os outros, Claret não foi lançado à aventura da vida, desarmado e desprovido. Claret sentiu-se formado na forja do Coração de Maria. E soube mostrá-lo com aquela franqueza que o levaria a dizer numa certa ocasião: “*Eu sou Claret e falo claro*”⁴. Na sua vida brilham virtudes humanas incontestáveis. Indiquemos apenas três delas, e por esta ordem: a laboriosidade, a bondade natural e o autocontrolo – o santo chamar-lhe-á «modéstia». A sua vida, como se de um espelho se tratasse, ensina-nos a colocar o melhor de nós mesmos ao serviço das melhores causas.

1. A primeira das brilhantes qualidades claretianas foi a sua **laboriosidade**. Deus dotou-o de uma extraordinária capacidade de trabalho que, cedo, soube cuidar e dirigir ao seu serviço. Ainda criança, diz-nos que “*trabalhava o máximo que podia*” (Aut. 31.50). Os seus horários eram sempre intensos, reduzindo

⁴ PAV ses. 54.

a limites milagrosos as horas de repouso, em algumas fases da sua vida. Nos seus exercícios espirituais de 1843 e 1850 tomou a decisão de não perder um minuto de tempo⁵, propósito esse que cumpriu com extrema fidelidade. O desejo de aproveitá-lo levou-o a Roma a fazer exercícios, enquanto aguardava o regresso das férias do Prefeito da Propaganda Fide. Nas Ilhas Canárias afirma que se deslocava sozinho de um lugar para outro “*como um desesperado*” (EC I, p. 280). Uma das condições que colocou para aceitar ser confessor real, foi não ter de perder tempo nas antessalas. Só assim se explica o elenco de trabalhos apostólicos que o deixariam sem fôlego.

Entregou-se, pois, ao apostolado com a mesma dedicação com que antes se entregara à indústria. Como “delírio” definiu a sua paixão juvenil pelo trabalho: “*Todo o meu anseio, todo o meu afã era a fabricação*” (Aut. 66). Depois, a ideia do apostolado centrou-o completamente: “*Pensava continuamente no que devia fazer e como fazer para salvar as almas. Orava por essa intenção... e oferecia-me constantemente, em ordem a atingir tal objetivo...*” (Aut. 113).

Não só isso. Sentia-se também estimulado por um ideal de excelência: “*Trabalhava o máximo que podia e fazia-o tão bem quanto sabia*” (Aut. 31). O mesmo se confirma nos capítulos consagrados aos estímulos: entusiasmar-lhe os apóstolos e decidiu imitá-los: “*Não farás o mesmo que estes e estas?*” (Aut. 226). Na sua escala de valores, o de trabalhador foi um dos mais elevados. E sempre ao serviço do Senhor e da sua causa. E foi isso que inculcou aos seus missionários, transformando a comunidade numa «colmeia» apostólica

⁵ Prop. 1843., n. 11. Prop. 1850, n. 16.